

Binfaré, P. W. <sup>1</sup>Sonaglio, K. E. <sup>2</sup>

## Reflexões conceituais sobre turismo em tempos hipermodernos

**Resumo.** O desenvolvimento da teoria do turismo é influenciado por conceitos clássicos e elementos fundamentais, porém a sociedade hipermoderna desafia esses padrões com movimento, efemeridade e ansiedade. Este estudo analisa os conceitos clássicos do turismo sob a ótica hipermoderna, utilizando o paradigma da complexidade em uma pesquisa qualitativa, exploratória e bibliográfica. Os resultados revelam rupturas conceituais no turismo, destacando novos sentidos na hipermodernidade. O turismo é redefinido como uma particularidade do lazer, diferenciado pela viagem e resultando em experiências turísticas únicas. Este estudo visa enriquecer as discussões sobre a base conceitual do turismo e seus novos significados, abrindo caminho para concepções inovadoras.

**Palavras-chave:** Turismo; Conceitos; Elementos; Hipermodernidade.

### Conceptual reflections on tourism in hypermodern times

**Abstract.** The development of tourism theory is influenced by classical concepts and fundamental elements, yet hypermodern society challenges these standards with movement, ephemerality, and anxiety. This study examines classical tourism concepts through a hypermodern lens, utilizing the complexity paradigm in a qualitative, exploratory, and bibliographic research. The results reveal conceptual ruptures in tourism, highlighting new meanings in hypermodernity. Tourism is redefined as a leisure particularity, distinguished by travel, leading to unique tourist experiences. This study aims to enrich discussions on the conceptual basis of tourism and its new meanings, paving the way for innovative conceptions.

**Keywords:** Tourism; Concepts; Elements; Hypermodernity.

### Reflexiones conceptuales sobre el turismo en tiempos hipermodernos

**Resumen.** El desarrollo de la teoría del turismo está influenciado por conceptos clásicos y elementos fundamentales, sin embargo, la sociedad hipermoderna desafía estos estándares con movimiento, efimeridad y ansiedad. Este estudio analiza los conceptos clásicos del turismo desde una perspectiva hipermoderna, utilizando el paradigma de la complejidad en una investigación cualitativa, exploratoria y bibliográfica. Los resultados revelan rupturas conceptuales en el turismo, resaltando nuevos significados en la hipermodernidad. El turismo se redefine como una particularidad del ocio, diferenciado por el viaje y resultando en experiencias turísticas únicas. Este estudio tiene como objetivo enriquecer las discusiones sobre la base conceptual del turismo y sus nuevos significados, abriendo camino a concepciones innovadoras.

**Palabras clave:** Turismo; Conceptos; Elementos; Hipermodernidad.

**Como citar:** Binfare, P.W & Sonaglio K. E. (2025). Reflexões conceituais sobre turismo em tempos hipermodernos. *Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território*, Brasília, 13(1), e-54670, 2025. <https://doi.org/10.26512/rev.cenario.v13i1.54670>

<sup>1</sup>Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8409-0159> & ID Lattes: 3784594579442577

<sup>2</sup>Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8849-9632> & ID Lattes: 1823313556538300

## INTRODUÇÃO

Os chamados tempos sociais se constituem em objeto de estudo do que se pode denominar na hipermodernidade de sociologia do tempo. Para Bauman (2001) e Lipovetsky (2004), o termo hipermoderno caracteriza o tempo em que está inserida a sociedade atual, situada em um recorte temporal que começa a se configurar no final da década de 90. Hipermoderna é a sociedade da hipervalorização das sensações íntimas, do hipernarcisismo, dos paradoxos. É uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em rotinas e hábitos, das formas de agir e ser.

A construção de uma teoria do turismo menos fragmentada e disciplinar é um processo em permanente desenvolvimento. “A construção de uma teoria do turismo é a formulação teórica do seu objeto e sua explicitação conceitual” (Moesch, 2013 p. 12). Definir, caracterizar, o objeto do turismo é tarefa árdua, devido à sua própria natureza, fazendo com que os estudos não tratem do objeto em si – o turismo – mas de seus desdobramentos, relações, impactos e segmentações. Binfaré e Sonaglio (2018) explicitam a necessidade de conhecer os elementos que norteiam o conceito de turismo, que preencham as lacunas do que já existe até então, lacunas estas oriundas do *modus operandi* / modo e vida de uma sociedade hipermoderna. Os conceitos clássicos de turismo já não respondem às demandas desta sociedade. A formulação teórica do objeto do turismo, bem como sua explicação conceitual, perpassa pelo desafio de romper e superar o olhar função utilitarista e funcionalista que norteiam os conceitos que estão postos.

Quando se recorre a base conceitual de turismo que está posta, observa-se que ela ainda está atrelada a práticas ultrapassadas e a modelos que servem unicamente para segmentar um mercado que está em constante mudança, modelos estes importados de realidades diversas que muitas vezes não correspondem à forma de experienciar do sujeito no turismo. Ao estudar o que está posto, a comunidade científica acaba por reproduzir em estes mesmos modelos, apenas atribuindo novos nomes. Figueiredo, (2010), diz que

[...] hoje temos uma grande quantidade de conceitos operados quase que exclusivamente pela comunidade científica do turismo, refletindo nas atividades práticas. Apesar desse esforço, e da criação de conceitos que às vezes tão rapidamente aparecem, e são usados por uma infinidade de pesquisadores e profissionais da área do turismo, e rapidamente são relegados ao mais absoluto esquecimento, os conceitos de viagem e turismo raramente tem sua genealogia debatida, interpretados como coisa já dada, como informação preexistente, como conceitos preexistentes e definidos, como definições, como pré-conceitos (p. 25).

Os debates acerca do turismo têm resultado na intensificação da produção científica na área, na medida em que se desenvolvem novas ideias, abordagens e variadas perspectivas de construção do conhecimento. Porém, o entendimento de turismo deve ser revisado de acordo com o tempo social no qual está inserido. Considerando essas inquietações, o objetivo central deste estudo é analisar os conceitos clássicos de turismo, de forma a discernir em seus elementos fundamentais, os que ainda se aplicam, se descartam ou que tiveram seu sentido alterado no contexto hipermoderno.

O escopo desta pesquisa está ancorado no paradigma complexo, sendo de base qualitativa e bibliográfica. Além disso, o tempo social em que se configura a pesquisa, dito hipermoderno, está contextualizado pelo “tempo líquido” de Bauman (2007), e pela sua caracterização de “sociedade hipermoderna”.

Assim, para além dos conceitos específicos pertinentes ao turismo e o estudo dos seus elementos fundamentais, foi necessário um maior aprofundamento em relação aos tempos sociais, de forma a caracterizar a hipermodernidade e como nela se insere o tempo para o turismo.

A partir dos frutos da abordagem proposta neste trabalho, espera-se que este contribua como um referencial nas discussões sobre a base conceitual de turismo a partir de suas relações com seus elementos fundamentais e seus novos sentidos, para assim rumar para futuros trabalhos que norteiem novas concepções de turismo, a partir da qualificação do objeto em si.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### Uma Questão de Tempo (s) - Os Tempos Sociais

As noções de tempo estão suscetíveis às mais diversas análises e níveis de entendimento, dada a sua transversalidade relativa à experiência humana. A ideia de "tempos sociais" e não apenas "tempo social" foi introduzida por Georges Gurvitch (1963), sociólogo e jurista russo que introduziu a noção da diversidade e heterogeneidade do tempo social. Para ele, a sociedade não produz um tempo único e uniforme, mas sim heterogêneo e plural, introduzindo de forma categórica, a noção de 'tempos sociais' em substituição a de 'tempo social'.

A possibilidade de aprofundar estudos relacionados à forma como o ser humano compreende a questão temporal dotando-a de sentido e valor, evidencia a importância do tempo enquanto balizador do cotidiano e regulador da vida social. Aquino (2003), diz que o tempo social pode ser considerado como uma "referência específica ou um qualificativo de uma perspectiva mais substancial do tempo, ou seja, como um recorte da aplicação do tempo à realidade social, ou pode ainda, ser tomado como uma concepção autônoma do tempo" (p. 153).

Para Heidegger (2004), o tempo deixar de ser percebido somente em seu sentido linear, como uma simples contagem cronológica referente às atividades cumpridas, o tempo passa a ser percebido por meio da soma das experiências vividas.

Gurvitch (1963), qualifica os fenômenos sociais como produtores e produtos dos tempos sociais, fato que acarreta a existência de um tempo dominante que tenta impor seu modo de organização aos demais tempos sociais. Tomando como base este pensamento, é possível reconhecer que a predominância de uma certa atividade social, imporia uma temporalidade própria, organizando assim a estrutura de uma sociedade. Isso permitiria analisar que as mudanças na temporalidade podem servir de paradigmas a uma compreensão da transformação da ordem social.

Para Sue (1995), ao se traçar uma linha histórica poderá se observar que esta se apresentará marcada por distintos períodos, onde a estrutura social evidencia um tempo dominante em torno do qual se constrói uma ordem social específica daquele período. Norbert & Dunning (1992), dizem que o "tempo deve ser compreendido no contexto social onde é produzido e em interação com outros elementos da vida social" (p. 228).

Para Pronovost (1996), o tempo social predominante de uma sociedade é aquele que lhe permite cumprir os atos necessários para a produção dos meios que garantem sua sobrevivência, possibilitando a criação, manifestação, realização e atualização de seus valores fundamentais.

Corbin (2001), diz que no início do século XIX, os tempos sociais ainda não eram bem distinguidos, não havia uma nítida separação entre o que era tempo de trabalho e de não trabalho. "O operário bebia, fumava e conversava enquanto fazia seu trabalho [...] no período da proto-industrialização, a importância do trabalho domiciliar torna difícil a distinção entre emprego, a vida familiar e as atividades domésticas." (p. 11). Com a industrialização, isso se altera na medida em que as novas tarefas exigem um tempo determinado para serem cumpridas. A noção de trabalho que ocorre em um tempo descontínuo é substituída pela noção de tempo de trabalho e tempo de não trabalho, ou tempo livre do trabalho.

As reverberações diretas da "sociedade do trabalho" levam diretamente a uma sociedade de consumo, efêmera, veloz, identificada por Lipovetsky (2004), como "sociedade hipermoderna". É um novo arranjo do tempo social, caracterizado pela "hiper economia" de tempo: as pessoas buscam fazer o máximo no menor tempo possível, tanto na economia quanto na vida pessoal, o que causa tensões inéditas. A característica principal dessa sociedade veio a ser a velocidade, principalmente com os avanços tecnológicos da mídia e informática, grandes veiculadoras de informação.

A pressão ocasionada pela sensação de fazer cada vez mais em menos tempo, da falta de tempo, da competição, acabou por trazer à tona a valorização de um outro tempo: o tempo livre, capaz de libertar a sociedade do estresse gerado pela sociedade do trabalho. Assim, os hábitos até então de consumo pelos bens tangíveis, cedem lugar ao consumo do tempo livre, em como desfrutar deste tempo, quase que como uma cura, uma saída da

rotina, do cotidiano repetitivo que assola a sociedade. Sue & Klein (1982), consideram que é um momento significativo de transformação, onde o tempo de trabalho, que foi o determinante da ordem social, começa a perder o relevo.

Aquino (2003), insere o surgimento de um novo domínio de temporalidade – do tempo livre – em substituição ao domínio da temporalidade laboral.

As teorias dos tempos sociais, partindo desse reconhecimento, defendem a ideia de que cada coletividade ou sociedade desenvolve referentes próprios de temporalidade, que organizam o seu funcionamento. Para tanto, estabelecem que, em cada momento histórico, há predomínio de uma atividade social que regula essa estruturação social (Aquino, 2003, p. 96).

Por outro lado, Pronovost (2011), diferencia tempo livre de tempo social, afirmando que no tempo livre “seu conteúdo refere-se essencialmente a atividades dotadas de atributos distintivos: liberdade, satisfação pessoal, criatividade, ludicidade, entre outros.” (p. 25). Assim o tempo livre foi um tempo reivindicado, advindo de lutas sociais e que ganhou novos valores coletivos. Este tempo difere daquele relacionado às obrigações, denominado como tempo social, pois em maior ou menor grau permeia a vida das pessoas, sofrendo maior ou menor influência, dependendo do tempo social dominante. Já Munné (1980), classificou os tempos sociais em quatro tipos: o tempo psicobiológico, o tempo socioeconômico, o tempo sociocultural e, por fim, o tempo livre.

Na sociedade contemporânea, mesmo que se tente identificar um tempo social predominante, este esforço perderia o sentido, uma vez que a dinamicidade dos fatos e relações sociais estão em constante movimento. Bauman, (2007), nomeia esta dinamicidade como “tempos líquidos” onde afirma que “vivemos tempos líquidos, nada é feito para durar, tampouco sólido” (p. 14), remetendo a ideia de que as relações sociais estão em constante mudança. Diz Harvey (1992), que “cada relação social contém seu próprio tipo de tempo” (p. 98), o que pressupõe que os tempos sociais coexistam e se diversifiquem na velocidade da sociedade “hipermoderna”.

### **Tempos líquidos e hipermodernos: Tempos de Turismo**

O termo hipermodernidade foi introduzido pelo filósofo Gilles Lipovetsky para caracterizar o tempo e a sociedade do século XXI. Para o autor, os tempos hipermodernos não designam necessariamente um ponto em uma linha histórica cronológica, composta pela tríade moderno - pós-moderno - hipermoderno, cada qual com características delineadas.

Se a pós-modernidade sugeria a superação da modernidade, o hipermoderno não suscita nenhuma ruptura, continuidade ou descontinuidade do pós-moderno, mas sinaliza que a modernidade não acabou e sim chegou ao seu extremo. O pós-moderno “consiste em conceber nosso presente como uma situação que desfaz, neutraliza e transforma os efeitos acumulados dessas modernidades que têm se seguido uma à outra desde o século XV” (Gumbrecht, 1998).

Aceleração total, velocidade máxima, sociedade do excesso (Lipovetsky, 2007). O conceito de hipermoderno conduz a uma nova fase do moderno, que foi do pós ao hiper: “a pós-modernidade não terá sido mais que um estágio de transição, um momento de curta duração” (Lipovetsky, 2004, p. 58).

Os tempos hipermodernos são dos superlativos, do mais, do excesso, das intensidades e urgências. São tempos líquidos, caracterizados pela fluidez, pela liquefação, termos introduzidos por Bauman, (2001), em sua obra *Modernidade Líquida* e que foi aprofundado em 2007 na obra *Tempos Líquidos*. O Tempo Líquido se caracteriza pelo movimento, por ser efêmero, veloz. Na tentativa de acompanhar esta velocidade, a sociedade hipermoderna vive em constante dicotomia: exagero e equilíbrio.

Hobsbawm, (1995), contextualiza estas mudanças como sendo uma revolução cultural iniciada ainda no século XX. “Essas tendências, claro, não afetaram igualmente todas as partes do mundo. “Essas variações não causam surpresa. O que é muito mais interessante é que, grandes ou pequenas, as mesmas transformações podem ser identificadas por todo o globo ‘modernizante’” (Hobsbawm, 1995, p.22).

Castells, (1999), afirma que a partir da década de 1960 se iniciou o paradigma tecnológico que tem como principal característica a organização da sociedade em forma de redes.

As Redes constituem a nova morfologia social de nossa sociedade e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Tudo isso porque elas são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação, por exemplo, valores ou objetos de desempenho (Castells, 1999, p. 497).

Se por um lado o que caracteriza a sociedade em rede é a interatividade, por outro, Bauman (2001), salienta que os tempos líquidos remetem ao paradoxo das relações sociais: ao mesmo tempo que se tem liberdade e autonomia de escolha, as relações também se tornaram mais frágeis, voláteis.

Os quadros de referência são voláteis, temporários, compráveis e vendíveis em uma velocidade em que tudo o que nos apegamos é transitório e temporário. Se escolhermos pessoalmente permanecer inalterados de alguma forma, em algum lugar, esse mesmo lugar se altera por si só (Bauman, 2001, p. 44).

Esta forma de organização também altera as relações de trabalho, uma vez que faz desaparecer antigas ocupações e faz emergir novas, que atendam às novas demandas desta nova forma de sociedade. É neste contexto que se insere o turismo hipermoderno, alavancado também pela possibilidade de se percorrer grandes distâncias cada vez em menos tempo, por hábitos de consumo e comportamento da sociedade hipermoderna, que passa a estar conectada em forma de rede devido às inovações tecnológicas e as facilidades da comunicação.

Neste estudo, o tempo social é entendido como fruto das relações sociais, ou seja, mesmo que se altere as formas de produção, de trabalho e que isso impacte nas relações sociais, são elas na verdade que determinarão os tempos sociais de cada momento. O tempo livre até então vinculado somente ao tempo de não trabalho ganha novas perspectivas de uso ao passo que até as relações com o próprio trabalho se modificam (caso do home work, por exemplo). É uma categoria de tempo social, contemporaneamente denominado de tempo líquido.

## **METODOLOGIA**

A ciência precisa apoiar-se em alguns pressupostos universais para diferenciar-se do senso comum e o pressuposto epistemológico refere-se à forma pela qual é concebida a relação sujeito/objeto no processo de conhecimento. Severino, (2014), diz que na ciência o homem parte de uma determinada concepção da natureza do real. São “verdades” pressupostas. E sua sistematização é chamada de paradigmas. No caso do conhecimento, são os paradigmas epistemológicos. Para Kuhn, (2000), os paradigmas são as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (p. 13). Para ele, as ciências evoluem por meio de paradigmas que são os pressupostos da ciência. Um determinado paradigma é dominante enquanto consegue resolver os problemas oriundos da ciência.

O turismo é complexo, dada sua natureza espontânea, suas variáveis, relações, efeitos, assim, trata com a incerteza e ao mesmo tempo é capaz de organizar-se. É contextual, global e ao mesmo tempo necessita identificar e reconhecer o singular. O turismo apresenta-se como um campo de possibilidades que toma forma mediante a significação do sujeito. Assim, a perspectiva complexa foi a teoria escolhida para direcionar este olhar. É sob este viés que se procedeu a busca, a escolha e o tratamento de todo material utilizado neste trabalho.

A pesquisa foi de base qualitativa, exploratória e de base bibliográfica, por enfatizar a base conceitual de turismo. Partiu-se do geral, aqui identificado pelo referencial teórico refe-

rente aos tempos sociais e a caracterização da hipermodernidade, de forma a contextualizar onde o objeto se situa e o estudo das bases conceituais clássicas de turismo, com ênfase nos seus elementos comuns. Para Figueiredo (2010), “a formação dos conceitos de viagem e turismo traz em sua genealogia um percurso longo e presente na maior parte dos textos fundamentais para a compreensão da sociedade ocidental” (p. 24).

O levantamento bibliográfico incluiu livros, artigos e periódicos disponíveis nas bases de pesquisas *on line*. A busca foi feita em obras que apresentassem no título ou nos resumos, a temática conceitual de turismo por autores considerados precursores nos debates acadêmico-científicos em questão, (sendo para este fim, considerados “clássicos”). Para fins deste trabalho, se entende por clássicos, vários autores de referência para a área, como por exemplo, os elencados no Quadro 1:

**Quadro 1:** Identificação do Referencial Teórico Bases Conceituais de Turismo

AUTOR	OBRA OU TEMÁTICA CENTRAL: BASE CONCEITUAL TURISMO
Alliance Internationale Du Tourisme	Association Internationale D'experts Scientifiques Du Tourisme (AIEST)
Andrade, J. V.	Turismo: Fundamentos e dimensões
Aريلaga, J. I.	Introdução ao estudo do turismo.
Barretto, M.	Manual de iniciação ao estudo do turismo
Boyer, M.	História do turismo de massa
De la Torre	El turismo: Fenómeno social
Fernández Fuster, L.	Teoría y técnica del turismo. Tomo I
Figueiredo, S. L. & Ruschmann, D. Figueiredo, S. L.	Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas Viagens e viajantes
Foucault, M.	As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas. A arqueologia do saber
Ignarra, L. R.	Fundamentos do turismo
Jafari, J.	Encyclopedia of tourism
Korstanje, M.	Aportes de los viajes a las ciencias sociales: Un relevamiento bibliográfico para un análisis teórico
Krippendorf J.	Sociologia do turismo
Maffesoli, M.	Sobre o nomadismo A contemplação do mundo
Mathieson, A. & Wall G.	Tourism Economic Physical and Social Impacts,
Naciones Unidas/ UNWTO.	Recomendaciones internacionales para estadísticas de turismo
Organização Mundial do Turismo	Introdução ao turismo Conta Satélite do Turismo, Quadro Conceptual
Tribe, J.	The indiscipline of tourism
Sessa, A.	Pour une nouvelle notion de tourisme
Urry, J.	O olhar do turista: Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas

**Fonte:** Elaborado pelos autores

Por se tratar de um trabalho de cunho teórico, além dos autores e obras que constam no Quadro 1, se fez necessário um aprofundamento que só foi possível ao longo do processo e análise dos resultados da pesquisa, incluindo outros autores e obras a partir dos desdobramentos oriundos destes já elencados. Para estabelecer relações e aprofundar as discussões, além dos autores e obras citadas, foi realizada uma busca específica no Portal de Periódicos da Capes no idioma português. A partir da leitura dos resumos destes textos, foi possível identificar aqueles que se propõem a trabalhar de forma pontual o conteúdo de base conceitual de turismo. Os demais foram descartados.

Importante ressaltar também que esta separação entre temas e autores se fez no intuito de facilitar a visualização entre base conceitual e os autores/obras selecionadas, já que o objetivo específico em questão visa esclarecer esta base conceitual. Porém, em muitos casos o mesmo autor e/ou obra são utilizados para mais de uma categoria dada a transversalidade dos temas e conceitos.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### Conceitos Clássicos de Turismo e suas Rupturas

O turismo para fins deste trabalho é estudado sob um olhar complexo, numa tentativa de aproximação enquanto objeto a ser compreendido na hipermodernidade. Identifica-se o turismo enquanto objeto, a partir do olhar de Foucault (2009), que atenta para uma série de observações e consequências que devem ser consideradas na sua formação. Para o autor, há que se considerar em que condições, mesmo as históricas, em que este objeto aparece, “para que dele se possa dizer alguma coisa e para que dele, várias pessoas possam dizer coisas diferentes [...]”; isto significa que não se pode falar qualquer coisa em qualquer época” (Foucault, 2009, p. 51).

Há que se considerar a relevância do contexto, das subjetividades e das relações estabelecidas na formação do objeto. Para Foucault (2007), sujeito e objeto não existem se não estiverem constituídos por uma prática dentro de uma sociedade. Assim, a compreensão do que é turismo, perpassa a simples identificação de sujeito, objeto e fatos vistos de forma isolada. Quando se pensa o que é o turismo, há que se determinar em que profundidade está o olhar e para este fim, o sujeito do turismo é o próprio turista e o objeto, aquilo se mostra do fenômeno em um contexto hipermoderno. Ao se alterar a profundidade, se altera o nível de análise (Bourdieu, 2004).

Foucault (2007), atenta para questões importantes que devem ser consideradas na construção de conceitos. Dessas questões, salienta-se a percepção, linguagem, contexto, e um certo grau de abstração que é o que vai possibilitar a simultaneidade entre a generalização (unir) e a diferenciação (separar), o ir e vir necessário na construção e desconstrução de conceitos.

A ideia do que veio antes e o que veio depois em termos conceituais é útil se a intenção for fazer uma história das mentalidades que pensaram o fenômeno, identificando elementos e as ligações entre um fato e outro. Porém, ao identificar as rupturas, as discontinuidades, poderá se estabelecer um sistema de relações e outros critérios de análise que respondam à complexidade do turismo.

Os conceitos até então postos na literatura, contribuem para a compreensão geral do turismo a partir de aproximações. Estas aproximações tendem a conceituar o turismo ora pela via do sujeito, ora pela via da oferta, ora pela via dos efeitos e impactos como uma atividade. Este fato se dá em função da complexidade das variáveis que compõem o fenômeno, fazendo com que na medida em que se ampliam os estudos na área, se incorporem novos olhares e se atribuam novas variáveis.

Por exemplo, quando se diz que turismo é “o movimento de pessoas [...]”, mesmo que se esteja agregando a questão temporal, o ir e vir de pessoas por si só não contextualiza o turismo. O movimento de pessoas, o ir e vir de pessoas, podem compor uma gama de atividades que não tenham relação com o turismo. Quando a tentativa se dá pelo viés da demanda, como por exemplo, “turismo são as pessoas que se deslocam [...]”, isto qualifica o sujeito, o turista, e não o objeto. No âmbito da oferta, ao se dizer que turismo é “o conjunto de bens e serviços e facilidades [...]”, isto também não responde à questão sobre o que é o turismo, mas sim a infraestrutura necessária à atividade.

Traçar uma linha cronológica para se estudar a emergência dos conceitos, por si só tende a revelar uma visão parcial de um objeto de estudo. Há que se perceber as transformações, as rupturas, os contextos em que estão inseridos (Foucault, 2009).

Numa tentativa de se buscar um olhar diferenciado para fins deste trabalho, que contemple o contexto, as discontinuidades e as transformações enfatizadas por Foucault, optou-se por apresentar os conceitos, sem priorizar sua cronologia, mas sim as rupturas que podem ser identificadas na sua composição. Essas rupturas também possibilitaram a identificação dos seus elementos comuns.

Os quadros 2, 3, 4 e 5 apresentam os conceitos clássicos de turismo na sua versão literal, separados a partir de suas rupturas, com identificação dos autores e os elementos que se destacam em sua construção.

**Quadro 2:** Conceitos Clássicos de Turismo: Ruptura Superação de Distâncias e Ênfase Econômica

Ruptura	Conceito	Autor, ano	Elementos
<b>Superação de distâncias e Ênfase Econômica</b>	Turismo é o conceito que compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou estado.	Hermann von Schullern zu Schattenhofen, economista austríaco, 1911, citado por Barretto, (2006)	Deslocamento Temporalidade
	Superação do espaço por pessoas que afluem a um lugar onde não possuem residência fixa.	Glucksmann, Robert, 1929, citado por Andrade, (2002)	Deslocamento Temporalidade
	Movimento de pessoas que abandonam temporariamente o lugar de residência permanente por qualquer motivo relacionado com o espírito, o corpo ou a profissão.	Schwink, Escola de Berlim, 1929, citado por Korstanje, (2007)	Deslocamento Temporalidade Motivação
	Conjunto das viagens cujo objetivo é o prazer ou por motivos comerciais ou profissionais ou outros análogos e durante os quais a ausência da residência habitual é temporal. Não é turismo as viagens realizadas para deslocar-se ao local de trabalho.	Borman, 1930, citado por Fuster, (1978)	Deslocamento Temporalidade Motivação Não trabalho
	Viagem superior a 24 horas e até 1 ano, por qualquer país que não aquele da sua residência habitual.	ONU, 1945, citado por United Nations, World Tourism Organization UNWTO, (1994)	Deslocamento Temporalidade

Fonte: Elaborado pelos autores

O ir e vir relativo à construção conceitual de turismo não implica exclusivamente em uma evolução cronológica, em que se agregam elementos à medida em que o fenômeno acontece na escala temporal. O que se observa nos conceitos postos, é que há muitas tentativas de uma aproximação no que se refere ao turismo enquanto objeto, e que novos elementos vão sendo adensados e ou excluídos à medida em que se passa ter noção da complexidade do turismo. Identi-

fica-se então rupturas conceituais. Os primeiros conceitos propostos se concentram na superação das distâncias e nos aspectos econômicos. Este fato é de fácil entendimento, a partir do momento em que o turismo se consolida como fenômeno de massa no período pós-revolução Industrial, onde há um grande desenvolvimento dos meios de transportes e a vertente econômica é soberana.

No primeiro grupo de conceitos, predomina o caráter temporal do deslocamento, o movimento de ir e vir, a superação das distâncias, independentemente do motivo, incluindo motivos profissionais e econômicos. Assim, não há distinção entre turismo, deslocamento e viagem, há somente os pressupostos de partida e retorno ao ponto de origem, por qualquer motivo.

**Quadro 3:** Conceitos Clássicos de Turismo: Ruptura Práticas Sociais

Ruptura	Conceito	Autor, ano	Elementos
<b>Práticas sociais</b>	Turismo é o conjunto das relações e dos fenômenos produzidos pelo deslocamento e permanência de pessoas fora do seu local de domicílio, sempre que ditos deslocamentos e permanência não estejam motivados por uma atividade lucrativa.	Walter Hunziker e Kurt Krapf, Suíça, 1942, citado por Fernández Fuster, (1978)	Deslocamento Temporalidade Motivação Sem lucro
	É o conjunto de relações e fenômenos originados pelo deslocamento e permanência de pessoas fora do seu local habitual de residência, desde que tais deslocamentos e permanências não sejam utilizadas para o exercício de uma atividade lucrativa principal.	Alliance Internationale Du Tourisme, (1977)	Deslocamento Temporalidade Motivação Sem lucro
	É o movimento temporário de pessoas para destinos fora dos locais normais de residência e de trabalho, as atividades realizadas durante a estada, e as facilidades criadas para satisfazer a necessidade dos turistas.	Mathienson e Wall, (1982)	Deslocamento Temporalidade Motivação Sem lucro
	Deslocamento de pessoas de seu local de residência habitual por períodos determinados e não motivados por razões de exercício profissional constante.	Ignarra, (1999)	Deslocamento Temporalidade Motivação Não trabalho
	[..] a soma de fenômenos e relações resultantes da interação nas regiões emissoras e receptoras, dos turistas, fornecedores de negócios, governos, comunidades e ambientes.	Tribe, (1997)	Deslocamento Temporalidade Relações

Fonte: Elaborado pelos autores

A segunda ruptura conceitual ocorre com o entendimento do turismo enquanto fenômeno proveniente das práticas sociais, dos fenômenos, relações e interações que ocorrem fora do local de residência oriundas do deslocamento. É também quando a questão econômica é excluída, ou seja, não será mais considerado turismo, deslocamentos com motivações profissionais e que objetivem o lucro.

**Quadro 4:** Conceitos Clássicos de Turismo: Ruptura Separação entre Objeto e Sujeito

Ruptura	Conceito	Autor, ano	Elementos
<b>Separação entre objeto e sujeito</b>	O turismo é composto por três elementos, sendo eles o sujeito, no caso o turista, o deslocamento e a permanência. O fato de existir o lucro, pode fazer parte, mas não é premissa básica. Porém, todo o deslocamento em que está envolvido o sujeito e implique em um tempo de permanência fora do local de residência habitual é turismo.	Sessa, (1971)	Sujeito Deslocamento Temporalidade Com ou sem lucro
	Turismo é, de um lado, o conjunto de turistas; do outro, os fenômenos e as relações que esta massa produz em consequência de suas viagens. Turismo é todo o equipamento receptivo de hotéis, agências de viagens, transportes, espetáculos, guias-intérpretes que o núcleo deve habilitar para atender as correntes. É conjunto das organizações privadas ou públicas que surgem para fomentar a infraestrutura, a expansão do núcleo e as campanhas publicitárias. São os efeitos negativos ou positivos que se produzem nas populações receptoras.	Fernández Fuster, (1978)	Sujeito Viagem Efeitos Infraestrutura Núcleo Receptor
	O turismo é o conjunto de deslocamentos voluntários e temporais determinados por causas alheias ao lucro; conjunto de bens, serviços e organização que determinam e tornam possíveis estes deslocamentos e as relações e fatos que entre aqueles e os viajantes têm lugar.	Arrilaga, (1976)	Deslocamento Temporalidade Motivação Desobrigatoriedade Sem lucro Infraestrutura Núcleo Receptor
	É o estudo do homem longe de seu local de residência, da indústria que satisfaz suas necessidades, e dos impactos que ambos, ele e a indústria, geram sobre os ambientes físico, econômico e sociocultural da área receptora.	Jafari, (2002)	Deslocamento Efeitos Infraestrutura Núcleo receptor
	É um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem de seu local de residência habitual para outro, na qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural.	De la Torre, (1980)	Deslocamento Temporalidade Motivação Desobrigatoriedade Sem lucro Infraestrutura Núcleo Receptor
	É o conjunto das inter-relações e dos fenômenos que se produzem como consequência das viagens e das estadas de forasteiros, sempre que delas não resulte um assentamento permanente nem que eles vinculem a alguma atividade produtiva.	Andrade, (2002)	Deslocamento Temporalidade Motivação Desobrigatoriedade Sem lucro Não trabalho

Fonte: Elaborado pelos autores

Ao mesmo tempo em que as relações e práticas sociais começam a ser consideradas, observa-se uma terceira ruptura conceitual: a que separou o objeto do sujeito, ou seja, o turismo do turista. Era como se de um lado estivesse as coisas do turismo e de outro as coisas do turista e estas não dialogassem entre si. O turismo enquanto objeto estava composto pelo sujeito, o turista, a infraestrutura e os efeitos dessas relações.

Identifica-se uma tentativa de conceituar turismo a partir dos efeitos das relações do suposto sujeito (turista) com o seu lugar de origem, com o seu destino, somando-se a isso as questões relativas à infraestrutura. O conceito ganha corpo, porém continua cada vez mais generalista, pois agora a ênfase do olhar está nos efeitos do dito turismo. Os elementos deslocamento e temporalidade permanecem como preponderantes, mesmo que sem um delineamento sobre o que abrangeria este deslocamento e como se dá o aspecto da permanência.

**Quadro 5:** Conceitos Clássicos de Turismo: Ruptura Generalização via Órgãos Oficiais de Turismo

Ruptura	Conceito	Autor, ano	Elementos
<b>Generalização via Órgãos Oficiais de Turismo</b>	Turismo é o deslocamento para fora do local de residência por período superior a 24 horas e inferior a 60 dias motivados por razões não-econômicas.	Organização Mundial do Turismo (OMT, 1991)	Deslocamento Temporalidade Motivação Sem lucro
	O turismo compreende as atividades das pessoas que viajam e permanecem em locais fora do seu ambiente habitual, por não mais do que um ano consecutivo, por motivos de lazer, negócios ou outros fins.	Organização das Nações Unidas e Organização Mundial do Turismo. ONU/OMT, (1994)	Deslocamento Temporalidade Motivação Sem lucro
	O Turismo compreende as atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual por um período consecutivo inferior a um ano, por lazer, negócios ou outros.	Organização Mundial do Turismo, 2001)	Deslocamento Temporalidade Motivação
	O turismo é um fenômeno social, cultural e econômico, que envolve o movimento de pessoas para lugares fora do seu local de residência habitual, geralmente por prazer.	ONU/OMT. IRTS, (2008) Recomendações Internacionais para as Estatísticas de Turismo)	Deslocamento Temporalidade Motivação

Fonte: Elaborado pelos autores

A quarta ruptura conceitual é a que traz o conceito oficial de turismo, elaborado pela Organização Mundial de Turismo, com intuito padronizar o conceito de turismo nos países membros desta organização. O conceito que até então, se apresentava em duas versões, em 2008 ganhou uma nova versão.

Dada a necessidade de se mensurar, quantificar o turismo a OMT (1991), elabora em sua primeira versão, um conceito que servirá somente a este fim, uma vez que continua a não responder o que é o turismo, mas apenas quantificar a questão do tempo de permanência. É um conceito para fins de mercado, que com a rápida massificação do turismo, precisava de uma base de dados quantificável. Esta primeira versão, esclareceu o elemento da temporalidade em número mínimo e máximo e ainda excluiu os fins econômicos.

É na segunda versão que a OMT (2001), expande ainda mais seu conceito e atinge o nível máximo em termos de generalização, por considerar turismo todas as atividades que todas as pessoas que viajam realizam, desde que em até 364 dias, 23 horas e 59 minutos fora de sua casa, por qualquer motivo, seja ele qual for. Neste sentido, pessoas que precisam se deslocar para um tratamento de saúde, para uma cerimônia fúnebre, para um curso ou para passar as férias na praia se configuram como sujeitos do turismo, ou seja, turistas. O conceito proposto em 2008 avança no sentido de incorporar a questão do turismo enquanto fenômeno social, econômico e cultural, porém continua sendo generalista como os anteriores quando fala em movimento de pessoas, geralmente por prazer.

### **Os elementos fundamentais**

Os conceitos clássicos de turismo apresentam elementos em comum e que se mantiveram invariáveis em qualquer uma das rupturas conceituais, a saber: Motivação, Deslocamento e Temporalidade. Ora aparecem como motivação para o turismo, ora aparecem como meio, ora como objetivo-fim, como explicado a seguir:

a) **Motivação:** Nos conceitos clássicos a motivação aparece sempre em um momento que se pode chamar de pré turismo, respondendo ao motivo que leva ao deslocamento. Observa-se grandes divergências relativas à motivação nos autores estudados. Há aqueles que tratam a motivação de forma única e invariável, o que dá ideia de que as pessoas viajam pelo motivo “x”, “y” ou “z”, como se as razões dos deslocamentos fossem necessariamente auto excludentes. Isto fica bem nítido nas discussões acerca das atividades remuneradas, profissionais, em que os autores divergem constantemente, se pode ou não ser considerado turismo os deslocamentos ocorridos por estas motivações. O foco das discussões está pautado no fato de haver ou não remuneração oriunda de atividade profissional, trabalho, decorrente da disjunção trabalho/lazer. Se o deslocamento for a trabalho, não é motivado por lazer, se não for motivado por lazer, não é turismo. Ressalta-se que este lazer até então era entendido em uma perspectiva orgânica.

Há também os autores que tratam a motivação de forma mais generalista, principalmente os órgãos oficiais que consideram turismo independentemente da motivação inicial. A questão é que a motivação só aparece nos conceitos clássicos enquanto elemento em comum, porque conhecer o motivo do deslocamento serve de parâmetro para quantificar o turismo, o quanto ele cresce e movimenta a economia etc. Como diferenciar um deslocamento com fins terapêuticos de um deslocamento com fins de férias?

A questão da motivação merece ser estudada num panorama hipermoderno, pois mesmo que esta seja difícil de ser mapeada, por envolver questões muito subjetivas, é a partir dela que se pode ter mais noção sobre a necessidade e vontade das pessoas e mapear tendências para que se possa estruturar melhor a oferta. Porém, na hipermodernidade, há que se discutir se a motivação tem que estar associada e definida no pré-turismo, única é imutável. Mesmo que as pessoas se desloquem por razões diversas, elas não podem ser turistas em um determinado espaço de tempo, apenas porque a motivação inicial não foi esta?

b) **Deslocamento:** Em toda base conceitual clássica o deslocamento é premissa fundamental do turismo, enfatizando a necessidade de superação de distâncias, fronteiras, sempre remetendo a necessidade de movimento, do ir e vir. Os conceitos clássicos não divergem entre si a este respeito, porém observa-se que não se diferencia os termos deslocamento e viagem, ambos transitam com o mesmo sentido nos conceitos clássicos, assumindo-se que o deslocamento é a própria viagem e não uma parte componente da mesma. Toda viagem pressupõe um deslocamento, mas nem todo deslocamento pode ser considerado viagem, já que este se situa no ir e vir, que também é essencialmente importante, mas não resume a viagem em si. “A viagem também é importante na sua forma básica de deslocamento. O percurso tem valor também. “O caminho é rico, é prazeroso passar por ele” (Figueiredo & Ruschmann, 2004, p. 171). Assim, o deslocamento em que está inserido o turismo, está no contexto da viagem e não apenas no ato de ir e vir superando distâncias.

No turismo hipermoderno, há que se questionar que outros aspectos estão inseridos no contexto das viagens. A ideia dos autores clássicos que consideravam turismo a superação de distâncias, enfatizando o ir e vir característico do deslocamento, foi substituída

pela ideia da viagem. Porém a própria viagem ganhou novos sentidos e novas características na sociedade contemporânea. Quais são estes novos sentidos? Toda viagem é turismo? Quais as características da viagem no que tange o turismo hipermoderno?

c) Temporalidade: a questão temporal, consequente do deslocamento, tem a ver com o tempo da permanência fora de casa ou residência habitual. É um elemento comum na quase totalidade dos conceitos por ser complementar ao deslocamento. Se o sujeito se desloca para fora do seu local de residência habitual, isto pressupõe que seja por um determinado espaço de tempo, uma vez que se este deslocamento for definitivo, trata-se de uma migração e não de turismo. As discussões conceituais clássicas dizem respeito à totalidade do tempo mínimo e máximo que se pode ficar fora do local de residência habitual para que se considere como sendo turismo. Com a massificação do turismo, a temporalidade que em princípio aparecia nos conceitos de forma genérica, “um tempo fora”, ganhou tempos mínimo e máximo nos conceitos da OMT (1991, 2001 e 2008). Este fato ocorre em função da necessidade de se mensurar o turismo, em se elaborar estatísticas e indicadores para a atividade. Destaca-se que mesmo não tendo compromisso acadêmico-científico em elaborar conceitos e teorias sobre turismo, por ser um órgão oficial de turismo em nível mundial, esta serve de referência, tendo estes conceitos replicados e defendidos por profissionais da área.

Em um mundo de tempos líquidos, há que se incorporar no debate, a própria relativização do tempo, ou seja, a questão da permanência mais ou menos prolongada para fins conceituais, será que ainda pode ser considerada um divisor de águas entre o que é turismo e os demais deslocamentos? O fator temporal depende do ponto de vista do núcleo emissor, receptor ou do sujeito/turista? Considera-se turismo a partir do tempo maior ou menor fora do local de residência habitual ou pelas práticas do sujeito durante um tempo qualquer? Em termos conceituais, essa delimitação do tempo é necessária?

O que caracteriza o conceito de turismo não são estes elementos separadamente, mas o vínculo, a presença de uma articulação entre eles e os seus resultados. São estas categorias que dão a natureza do fenômeno turístico e que devem estar sempre evidenciadas ao passo que do contrário, incorremos na banalização do conceito, dada sua transversalidade. O conceito então, não é um jogo de palavras, mas uma construção de significados dentro de um contexto específico e para tal, há que se compreender o campo a que ele se vincula. A construção e desconstrução de um conceito perpassa por um ir e vir de questões e indagações inerentes ao processo.

### **Hipermodernidade e a quinta ruptura conceitual: novos sentidos para o turismo**

Ao estudar esta evolução conceitual do turismo e perceber as implicações práticas que isto produz, pode se identificar elementos comuns à prática do turismo que devem estar presentes na composição de um conceito que se traduza em uma quarta ruptura, que considere acima de tudo o contexto no qual se estrutura o turismo na hipermodernidade.

As transformações conceituais de turismo estão alicerçadas nos seus elementos fundamentais que, à luz da hipermodernidade, ganham novos sentidos. Binfare e Sonaglio (2018) afirmam que compreender a fluidez da hipermodernidade, permite reposicionar o conceito de turismo. Assim o estudo do turismo é o estudo do homem em um tempo particular do seu tempo de lazer: “Turismo é uma particularidade do lazer, que se diferencia das demais pelo componente da viagem e que resulta em uma experiência turística proveniente do processo de enraizamento e desenraizamento do sujeito e de suas práticas” (Binfare e Sonaglio, 2018, p. 176).

Este contexto deve considerar além das variáveis aqui identificadas como as rupturas conceituais do turismo (econômica, social, disjunção sujeito/objeto), o componente da viagem, o enraizamento e desenraizamento do sujeito e a experiência turística.

Aproximações conceituais sobre turismo, descrevem atividades, temporalidades, causas, efeitos, tentam estabelecer uma relação entre sujeito e objeto, mas sem responder o que seria este objeto de estudo. Há autores que já classificam o turismo como uma modalidade ou tipo de lazer, o chamado “lazer turístico”. Camargo (2003), por exemplo, diz que o turismo “é tido como uma das mais nobres atividades de lazer” (p. 90). Urry (2001), ao iniciar seu pensamento sobre turismo diz que “o turismo é uma atividade de lazer [...]” (p. 48).

Observa-se que para estes autores o turismo é visto como uma atividade e não como um fenômeno, fato que limita sua compreensão. Há que se ressaltar que este “lazer” citados pelos autores está ancorado nas ideias clássicas de lazer, contudo, não há um conceito de turismo alicerçado no lazer hipermoderno, lazer este mais fluido, mais líquido, como estado de espírito e não exclusivamente atrelado a temporalidade e a uma lista de atividades.

Há também que se considerar que a busca pelo lazer que compõe o conceito de turismo tem uma configuração própria, que difere do lazer convencional, pois é holístico, tem mais relação com um estado de espírito, do que com práticas propriamente ditas. Patmore (1983), traz a concepção do lazer em duas perspectivas. Na primeira, o lazer adquire sentido de atividades propriamente dita, e na segunda, o lazer está relacionado à “experiência”, a um estado de espírito referente à satisfação do sujeito.

Costa (1996), também contextualiza o lazer em duas dimensões, que se assemelham às de Patmore (1983), porém encontram-se mais detalhadas. A primeira é a dimensão Orgânica caracterizada pelas “atividades” que são realizadas no tempo residual (o que resta de tempo após sanar as necessidades fisiológicas e de subsistência). A segunda é a dimensão chamada Holística, que é subjetiva, pois tem a ver com “estados mentais” (p. 7), que variam entre os indivíduos, (que é única e baseada na experiência).

Em uma relação direta com o turismo, essa significação de lazer está atrelada à prática em uma condição de viagem, consequentemente, no uso do tempo livre, que se qualifica não pelo tipo ou intensidade, mas pelo caráter da experiência gerada. Esta experiência turística é geradora de um prazer único e específico. Assim, viagens por lazer, são viagens para quem busca este prazer que, exclusivamente, a experiência turística proporciona.

A compreensão destas dimensões do lazer influencia de forma direta o conceito/entendimento de turismo. Em uma perspectiva orgânica, não existiria o chamado “Turismo de Negócios”, uma vez que quem viaja a negócios, viaja a trabalho, ou seja, não a lazer. Porém, em uma perspectiva holística, pode-se viajar a trabalho e fazer turismo no seu tempo livre, dedicado ao lazer. Ou seja, no seu tempo livre dos compromissos que originaram a viagem, estes visitantes “tornam-se” turistas na medida em que optam por um tipo específico de lazer, o “lazer turístico”, inclusive adotando novas terminologias para designar a experiência, como por exemplo o verbo “turistar”. Então, fica evidente a necessidade de novos olhares para estas práticas, que há muito fogem das explicações e conceituações tidas como clássicas e tradicionais, uma vez que são oriundas de uma sociedade que estabelece diariamente novas formas de interação e de relacionamento com o mundo.

Os sentidos atribuídos ao turismo pelo sujeito na hipermodernidade, aproximou-se das concepções do lazer por apresentar características mais íntimas do ser humano, assumindo assim um sentido mais humano e complexo. Sendo o turismo uma particularidade do lazer, o turismo é complexo porque o lazer é complexo. Turismo e lazer continuam imbricados, porém não mais como elemento motivador ou finalidade ou mesmo um segmento um do outro. Ambos apresentam em comum o livre arbítrio referente ao que fazer com a parcela de tempo livre e este tempo livre deve ser entendido não mais como o tempo de não trabalho, mas como o tempo livre de qualquer outra obrigação. E ambos apresentam em comum a busca pelo prazer e o mesmo fim, que é o fim em si mesmo. Assim, a motivação para o lazer é o próprio lazer e a motivação para o turismo é o próprio turismo.

Isto está diretamente relacionado com a experiência turística que só pode ser vivenciada quando há o enraizamento e o desenraizamento, proporcionados pelo elemento da viagem. É a experiência turística que diferencia uma viagem qualquer de uma viagem turística, onde o fim é o próprio turismo.

Consequentemente, será necessário repensar toda a base de conhecimentos relativa aos saberes, uma vez que sob esta perspectiva é possível refazer as intersecções do turismo com outras áreas e esclarecer questões como os tipos de turismo, por exemplo. Enquanto academia, é necessário reconhecer e distinguir (não disjuntar, separar) o que é fundamental para produção de conhecimento e o que serve apenas ao mercado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente, o conhecimento vem sendo construído sob a égide da disjunção, separar para conhecer, excluir para validar. Assim, pensar de forma complexa é um exaustivo e constante exercício de abstração e interpretação, já que não se constitui em um passo a passo para ensinar uma nova forma de pensamento. A complexidade diz sim respeito a uma maneira, a uma forma de se observar o mundo.

A partir deste estudo foi possível identificar os elementos comuns que fundamentam o entendimento de turismo refletidos por meio de seus conceitos, para a partir de então, discernir, avaliar o que ainda é pertinente ou não no turismo hipermoderno, bem como elementos que vem ganhando outros sentidos e que merecem pesquisas mais aprofundadas. Os resultados mostraram a necessidade de futuros trabalhos que enfatizem, por exemplo, a experiência turística como elemento diferenciador das viagens.

Esta pesquisa pode auxiliar em um reposicionamento mais acertado da área a partir de seu objeto de estudo, bem como embasar planos e programas que valorizem o lazer cidadão e que, em contrapartida, aproximem e estabeleçam a relação harmoniosa entre morador e turista.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andrade, J. V. (2002). Fundamentos e dimensões do turismo. São Paulo: Editora Ática.
- Aquino, C. A. (2003). A temporalidade como elemento chave no estudo das transformações no trabalho. *Athenea Digital*, 4, 151-159.
- Barretto, M. (2006). Manual de iniciação ao estudo do turismo Papyrus Editora.
- Bauman, Z. (2001). Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar.
- \_\_\_\_\_. (2007). Tempos líquidos. Rio de Janeiro: Zahar.
- Binfaré, P. W. (2018). As transformações conceituais de turismo à luz da complexidade do lazer na hipermodernidade (Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte). Repositório UFRN. <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/26414>
- Boyer, M. (2003). História do turismo de massa. São Paulo: EDUSC.
- Camargo, L. (2003). O que é lazer. São Paulo: Brasiliense.
- Castells, M. (1999). A sociedade em rede. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- Corbin, A. (2001). História dos tempos livres. Lisboa: Teorema.
- Costa, C. M. M. (1996). Towards the Efficiency and Effectiveness of Tourism Planning and Development at the Regional Level: Planning, Organisations and Networks. The Case of Portugal, University of Surrey, Guildford, Tese de Doutorado.
- Figueiredo, S. J. de L. (2010). Viagens e viajantes. São Paulo: Annablume.
- Figueiredo, S. J. de L., & Ruschmann, D. (2004). Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. *Novos Cadernos NAEA*, v. 7, 155-188. Fuster, L. F. (1978). Teoría y técnica del turismo. Madrid: Editora Nacional.
- Gumbrecht, H. U. (1998). Modernização dos sentidos. Editora 34.
- Gurvitch, G. (1963). Social structure and the multiplicity of times. *Sociological Theory, Values and Sociocultural Change*, 171-184.
- Harvey, D. (1992). Condições pós-moderna. São Paulo: Loyola.
- Heidegger, M. (2004). Ser e tempo [1927]. Petrópolis: Editora Vozes.
- Hobsbawm, E. (1995). Era dos extremos: O breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ignarra, L. R. (1999). Fundamentos do Turismo. São Paulo: Pioneira.
- International Association of Scientific Experts on Tourism, Annual Congress Cardiff, Publication of AIEST, 1981, Edition AIEST, Berne

- Jafari, J. La cientifización del turismo. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, Buenos Aires, Ciet, v. 3, n. 1, p. 7-37. jan. 1994.
- Korstanje, M. (2007). Aportes de los viajes a las ciencias sociales: Un relevamiento bibliográfico para un análisis teórico. *Gesttur*, (8), 25-46.
- Kuhn, T. S. (2000). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Lipovetsky, G. (2004). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.
- \_\_\_\_\_. (2007). *A felicidade paradoxal: Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Maffesoli, M. (1985). *A sombra de Dionísio*. Rio de Janeiro Graal: Graal.
- \_\_\_\_\_. (1988). *O conhecimento comum*. São Paulo: Brasiliense.
- Mathieson, Alister and Wall Geoffrey (1982). *Tourism Economic Physical and Social Impacts*, Longman, England.
- Moesch, M. (2013). O lugar da experiência e da razão na origem do conhecimento do turismo. *Revista Cenário*, 1(1), 8-28.
- Munné, F. (1980). *Psicología del tiempo libre*. México: Editora Trillas.
- Norbert, E. & Dunning, E. (1992). *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. Madrid: Ed. Fondo de Cultura Económica.
- Organização Mundial do Turismo. (2001). In OMT (Ed.), *Introdução ao turismo*. São Paulo: Roca.
- OMT – Organização Mundial de Turismo, 1999, *Conta Satélite do Turismo, Quadro Conceptual*, Madrid.
- Patmore, J. A. (1983). *Recreation and resources: Leisure patterns and leisure places*. Oxford: Basil Blackwell.
- Pronovost, G. (1996). *Sociologie du temps De Boeck Supérieur*.
- \_\_\_\_\_. (2011). *Introdução à sociologia do lazer*. São Paulo: Senac.
- Severino, A. J. (2014). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez.
- Sue, R., & Klein, B. (1982). *El ocio*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Sue, R. (1995). *Temps et ordre social: Sociologie des temps sociaux*. Paris: Presses Univ. de France.
- Tribe, J. (1997). The indiscipline of tourism. *Annals of Tourism Research*, 24(3), 638-657.
- United Nations, World Tourism Organization (1994) *Recommendations on Tourism Statistics, Serie M, no 83*, United Nations, New York 1994.
- Urry, J. (2001). *O olhar do turista: Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. (Carlos Eugênio Marcondes de Moura Trans.). São Paulo: Studio Nobel: SESC.